

CABASCABO / 1968

um filme de Oumarou Ganda

Realização e Argumento: Oumarou Ganda / Fotografia: Gérard de Battista / Supervisão: Toussaint Bruschini / Som: Moussa Hamidou / Montagem: Danièle Tessier / Intérprete: Oumarou Ganda.

Produção: Argos Films / Cópia: DCP, preto e branco, legendada em português, 49 minutos.

Cabascabo é apresentado com **Sangue Corsário** e **Sonhos de Vida** ("folha" distribuída em separado).

Sessão com apresentação

Cabascabo, como outros filmes da África francófona recentemente descolonizada, é um retrato lúcido e sem amargura patética sobre a dessintonia entre a emancipação política e a evolução das mentalidades, quer da parte dos ex-colonizados como da dos ex-colonizadores. Cabascabo é um natural da Nigéria que regressa à aldeia natal depois da sua participação na guerra da Indochina, integrando as tropas francesas. O filme poderia surgir como um dos muitos dramas sobre os problemas da readaptação dos soldados à vida civil, mas para Ganda esse é um problema menor que só periféricamente afecta a vida de Cabascabo. O Vietname é, para ele, o que para outros é Paris, um local de passagem, uma terra de fora. O que importa é a evolução da sua mentalidade e a sua relação com a economia em transformação. O dinheiro não tem importância. É apenas mais um bem a gastar ou trocar. Dessa forma, tudo o que ganhara como soldado depressa desaparece na satisfação do prazer e necessidade. Cabascabo não sabe explorar, próximo como está de uma economia primitiva de troca. Mas não há qualquer tratamento depreciativo em relação ao personagem. Desaparecidas as economias, o que lhe resta é o trabalho, para o qual Cabascabo parte sem lamento nem deitar culpas a ninguém.

Michel Perez, numa crítica, refere o final como um regresso à terra, às tradições. Parece antes que se trata de uma visão lúcida por parte de Ganda: apenas o trabalho pode ajudar à transformação e evolução do homem. Cabascabo pega na enxada não por respeito às tradições, mas para se assumir por inteiro e recuperar a sua dignidade. Assumindo os seus erros, sem queixumes, sabendo que apenas a si próprio deve pedir contas. Daí a aproximação que Jean-Louis Comolli, nos "Cahiers du Cinéma", faz com Howard Hawks e Anthony Mann. Não só no comportamento do herói (e mesmo na aparente ingenuidade que os seus actos manifestam) mas também no estilo e na perspectiva que Ganda toma: a câmara quieta e distanciada deixando os peonagens existirem, sem interferência.

Manuel Cintra Ferreira